

# A RECEPÇÃO PARADOXAL DE MILAN KUNDERA NO BRASIL SOB A ÓTICA DA EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE

## MILAN KUNDERA'S PARADOXICAL RECEPTION IN BRAZIL FROM THE PERSPECTIVE OF THE EPISTEMOLOGY OF THE ROMANCE

Maria Veralice Barroso 

[mariaveralice@edu.se.df.gov.br](mailto:mariaveralice@edu.se.df.gov.br)  
<https://orcid.org/0000-0001-7509-5567>

Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal.  
Pesquisadora na Universidade de Brasília.

Chefe das Unidades de Cursos de Pós-Graduação na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade do Distrito Federal Professor Jorge Amaury Maia Nunes.



Dossiê

**Epistemologia do romance:  
diálogos e aproximações teóricas**

**Organizadores:**

Profa. Dra. Ana Paula A. Caixeta



Profa. Dra. Maria V. Barroso



Prof. Dr. Itamar R. Paulino



v. 32, n. 63, dezembro, 2023

Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



**Fluxo da Submissão**

Submetido em: 23/10/2023

Aprovado em: 23/10/2023

**Distribuído sob**



Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

A Epistemologia do Romance demonstra especial interesse por autores que apresentam como resultado da criação obras oriundas de um gesto reflexivo cujas entrelinhas dizem ao leitor ser o romance literário uma construção estética orientada, não somente pela inspiração sensível, mas também pelo trabalho e pela consciência objetiva do escritor. Para a Epistemologia do Romance, tanto o labor quanto a reflexão serão mensurados e desenvolvidos no espaço ficcional conforme as intencionalidades do romancista. Ao retomar uma das proposições basilares que orientam os estudos epistemológicos do romance quanto ao exercício teórico-crítico frente às narrativas literárias – um olhar atento sobre a racionalidade e a intencionalidade do escritor –, encontro condições de expor aqui uma tentativa de dar conta de um longo percurso de pesquisa que fez do escritor tcheco Milan Kundera uma importante referência literária e teórica no âmbito dos trabalhos de pesquisa da Epistemologia do Romance. Para dar conta das reflexões pretendidas parto especificamente das controvérsias acerca da recepção kunderiana no Brasil.

Epistemologia do Romance; Milan Kundera; Recepção; Política; Literatura.

The Epistemology of Romance shows a special interest in authors who present as a result of the creation works originating from a reflexive gesture whose lines tell the reader that the literary novel is an aesthetic construction oriented, not only by sensitive inspiration, but also by the writer's work and objective awareness. To the Epistemology of Romance, both work and reflection will be measured and developed in fictional space according to the novelist's intentions. When resuming one of the basic propositions that guide the epistemological studies of the novel regarding the exercise theoretical-critical approach to literary narratives - a careful look at rationality and intentionality of the writer -, I find conditions to expose here an attempt to account for a long research path that made the Czech writer Milan Kundera an important literary and theoretical reference in the scope of the research works of Epistemology of Romance. To account for the intended reflections, I start specifically with the controversies about the Kunderian reception in Brazil.

Epistemology of Romance; Milan Kundera; Reception; Politics; Literature.

### Considerações iniciais

No artigo inaugural intitulado *Elementos para uma Epistemologia do Romance* (2018, p.15)<sup>1</sup>, ao lado de Gustave Flaubert e Herman Broch, Milan Kundera foi apresentado pela Epistemologia do Romance, como um escritor dono de uma obra e reflexões que minimamente dialogavam com os interesses do pesquisador Wilton Barroso Filho cujo objetivo central era, naquele momento, buscar trazer a público, uma abordagem de análise literária amparada por duas ramificações da Filosofia: o epistemológico e o hermenêutico. A relevância desse eixo filosófico aí constituído enquanto base de sustentação das reflexões de Barroso Filho bem como sua relação com os estudos kunderianos é algo que naquele momento ainda se apresentava de modo nebuloso passando a ganhar contornos bem mais nítidos com a introdução de um terceiro braço filosófico, a estética.

Embora Flaubert, Broch e Kundera tenham ganhado espaço significativo nas páginas do artigo que fincaria a Epistemologia do Romance como campo teórico literário a ser explorado, dentre os três escritores, Kundera foi o que, ao longo dos anos, recebeu maior atenção por parte dos pesquisadores. Nos casos em que não foi central para os trabalhos desenvolvidos, em algum momento no percurso das pesquisas, as reflexões kunderianas foram reivindicadas. Com o passar dos anos, vários autores ganharam espaço e hoje ocupam lugar relevante nos ciclos de debates da Epistemologia do Romance, entretanto a ampliação das obras e autores no âmbito das pesquisas de modo algum afastou Milan Kundera da cena estética ou minimizou sua centralidade enquanto fonte discursiva e referencial. O fluxo do pensamento do criador e do pensador do romance assumido por Kundera, continua sendo peça fundamental, constituindo-se em um fio condutor dos debates que interliga não só o processo de reflexão entre os demais escritores, mas também

estabelece conexões entre o gesto da criação estética e o gesto filosófico, algo caro à Epistemologia do Romance, cujo lugar de fala se constitui no trânsito ocupado entre a Literatura e a Filosofia.

Ciente de que seria ingenuidade pensar a centralidade kunderiana nos estudos epistemológicos por um viés hierárquico, até mesmo porque ele inexistente, cabe aqui tentar conduzir o debate de modo a problematizar a questão. O primeiro passo nesta direção talvez seja chamar a atenção para como se deu o exercício de escolha deste escritor nos círculos da Epistemologia do Romance.

Ao optar por Kundera, com certo pesar, Barroso Filho dizia estar abrindo mão de um sonho antigo: inserir-se enquanto pesquisador no universo da obra de Machado de Assis - desejo que demonstrou não querer negligenciar e o qual fora retomando, cuidadosamente nos círculos de debates da Epistemologia do Romance ao longo dos anos. Além de consciente do quão difícil seria enveredar, naquele primeiro momento, pela complexidade do monumento literário e crítico que perpassa a ficção machadiana, em sua opção por Kundera, Barroso Filho demonstra operar uma escolha baseada em estratégias que, a seu ver, contemplariam tanto o pesquisador, quanto o professor, estratégias denunciadas pelas próprias palavras,

Vi algumas vantagens na minha escolha. Kundera é um autor ainda em atividade e, por isso, pensei que teria poucos comentaristas, o que está longe de ser verdade. Outra vantagem é que, por ser um autor atual de sucesso, poderia interessar aos alunos (BARROSO FILHO 2018, p. 30).

A proximidade temporal de Kundera revelou-se de fato um ganho e se mostrou primei-

1 O artigo foi apresentado em 2003 e em 2018 foi reeditado e publicado no livro *Estudos epistemológicos do romance*.

ramente na relação com os dois autores que figuravam no artigo: Broch e Flaubert.

No tocante a Broch, as reflexões de Kundera foram cruciais para ajudar a desdobrar e ampliar tanto as nuances das meditações filosóficas interligadas à densa escrita literária brochniana, quanto desvelar semanticamente compreensões desse escritor acerca das conjunções entre a estética literária e o exercício filosófico. Os desdobramentos acerca do lugar de Flaubert na estética romanesca do século XIX, por sua vez, permitiram ampliar discussões acerca da narrativa ficcional desenvolvida no século XX, especialmente na segunda metade dele, período em que, ancorado nas noções de decadência dos valores modernos, desenvolvidas por Broch, Kundera denomina de “Paradoxos terminais da modernidade”.

Mais à frente, Barroso Filho confirma sua afinidade tanto com o conteúdo, quanto com a forma de narrar de Kundera ao salientar que a justificativa maior desta escolha se deu em razão do impacto que a escrita kunderiana lhe causava, especialmente “pela maneira como entremeava comentários sobre a vida e a filosofia, ao mesmo tempo em que narrava” (2018 p. 30). As palavras do pesquisador, aliadas ao formato das pesquisas que desenvolveu e orientou a partir daí, reforçam a percepção segundo a qual, se a opção por Kundera foi realizada levando em conta estratégias prático-objetivas, sua consolidação se deu de modo natural em razão da proximidade com o gesto filosófico que impulsiona a prosa literária desse escritor, algo que se mostrava, já naquele momento, um desafio para o pesquisador Barroso Filho, mas que certamente o conduziria para caminhos mais largos e sistematizados dos estudos epistemológico do romance.

A interface entre o criador e o pensador da literatura<sup>2</sup> assumida por Milan Kundera a partir de um incansável gesto filosófico interno e externo ao romance literário, compreendendo -o enquanto lugar da existência humana, cons-

titui, no âmbito da Epistemologia do Romance, um movimento de circularidade e complementaridade. O que significa dizer que, o exercício de pensar criticamente a obra ficcional desse autor, bem como refletir acerca de seus posicionamentos teórico-ensaísticos possibilitaram um movimento não só de desvelamento e ampliação de sentidos para a teoria em questão, mas também permitiu problematizações de conteúdos inscritos na própria obra e, ao fazer isso, esbarrou em alguns dos males entendidos sobre a escrita do romancista Milan Kundera. Ao tocar em nuances muitas das quais impensadas pela crítica, as reflexões orientadas por Barroso Filho não só suscitaram uma reinterpretação de Kundera em solo brasileiro, como também revitalizaram a presença dessa obra nos círculos acadêmicos no país. Nesse sentido, no âmbito deste trabalho, pretende-se desdobrar esta circularidade, buscando entender em que medida a obra kunderiana e a Epistemologia do Romance são beneficiárias deste movimento de mão dupla.

### Sobre o solo epistemológico da recepção

Apesar do reconhecimento que desfrutou desde a estreia no universo da ficção romanesca mundo a fora e do sucesso de *A insustentável leveza do ser*, Milan Kundera ocupou e - em escala menor, ainda ocupa - um lugar controverso no âmbito acadêmico brasileiro. Embora este seja um tema demasiado complexo, difícil, portanto, de ser tratado no espaço de um artigo, faz-se importante não ignorar o assunto, uma vez que traz luz sobre o entendimento do pensamento estético do autor e permite melhor dimensionar a sua relação com os estudos da Epistemologia do Romance. Dessa maneira, correndo o risco da simplificação, abre-se aqui um parêntese para pontuar a questão. Vale destacar, entretanto que muito do que será aqui exposto sobre o assunto resulta tanto de inves-

2 Esta interface foi aqui trazida a partir da reflexão de José Luís Jobim sobre A crítica literária e os críticos criadores no Brasil.

tigações bibliográficas quanto de algumas nuances que ao longo de anos de pesquisa e observações em torno da obra deste autor foi possível captar<sup>3</sup>.

Pensar a recepção de Kundera em solo brasileiro é compreender tratar-se de algo que passa por um entendimento do contexto cultural dos anos oitenta visto por, pelo menos, dois ângulos distintos, porém complementares: um primeiro político e um segundo voltado ao entendimento do autor enquanto produtor de *best-sellers*. Em razão do curto espaço, no âmbito deste estudo, ainda que os dois apontamentos não se dissociem por completo, as discussões estarão centradas no primeiro tópico.

Pensar os anos oitenta de um ponto de vista político, sugere uma compreensão das relações que este tempo matem com, pelo menos, duas décadas precedentes e nelas, a conturbada relação entre direita e esquerda nos é cara.

Analisando os contextos nacionais dos anos setenta e oitenta, nota-se a polaridade entre esquerda e direita enraizada na vida e na história, não só do Brasil, mas da Americana Latina como um todo. Obviamente a polaridade político-ideológica não se formou nas décadas de setenta e oitenta, elas se constituíram no decorrer do século XX e se acirraram com a instauração da chamada Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética. A América Latina, como objeto de interesse dos dois poderes, se viu cada vez mais dividida entre os ideais imperialistas Norte Americano e os ideais do comunismo soviético. No Brasil, as ações impostas pelos militares a partir dos anos sessenta enrijeceram ainda mais os limites ideológicos entre direita e esquerda. É notório que, por inúmeras vezes, a cisão entre os dois polos foi capaz de tornar estéril qualquer tipo de re-

flexão, basta olharmos em volta de nosso presente.

Sem dúvida, a intransponibilidade entre as duas fronteiras, foi um fator preponderante tanto na produção quanto na circulação dos bens culturais e muito interferiu na recepção paradoxal de Kundera entre nós. Para entender melhor tal proposição é necessário um retorno ao tempo e espaço em que o autor ganha amplo destaque em solo brasileiro, lembrando que nos anos oitenta, os movimentos políticos ecoam nos âmbitos culturais, em uma espécie de continuação e contraposição à década de setenta marcada por um suposto “vazio cultural”.

Ao pensar a questão no âmbito da literatura, Tânia Pellegrini acertadamente, lembra que “o vazio cultural”, sentido na década de setenta, resultou da pressão sofrida pela literatura, pois se de um lado os escritores se viram forçados a se adaptar às exigências da indústria cultural, a censura os impelia para a construção de “textos que em grande parte das vezes, são respostas pessoais inseridas num campo de forças francamente estabelecido *de fora* do plano estético, com pressões e limites bem determinados” (2001, p.81). Pellegrini ressalta ainda que, embora tenha se tornado espaço de representação de uma realidade, a chamada “literatura-verdade” precisou criar mecanismos para burlar a censura, assim, a realidade era tratada “como referência, mesmo que indireta ou camuflada, numa linguagem cheia de alusões e subterfúgios” (2001, p. 81). Os estudos de Pellegrini acerca da literatura nos anos setenta nos dá a ver que embora clássicos tenham aí se constituído, esta década foi marcada por “vazios culturais”.

Com o retorno de vários intelectuais e artistas, após a concessão da anistia em 1979, a

3 Uma dessas nuances se expressa por meio de uma experiência pessoal e se refere aos lugares que, no início, me eram destinados nos congressos e apresentações quando propunha tratar da obra de Milan Kundera. Além de ser normalmente uma das últimas apresentações, quando o evento praticamente havia terminado, na maioria das vezes, em mesas que nada dialogavam com o assunto a ser abordado, ainda podíamos contar com ataques certos do público em relação ao autor - o que, com menos frequência, ainda acontece. Um dos primeiros e mais notórios aconteceu em 2010 na Universidade Fluminense em Niterói-RJ, durante a IX Jornada Andinas de Literatura Latino Americana, quando um grupo de alguns jovens mexicanos se retirou da sala quase como um protesto, e uma das poucas pessoas que ali restaram desse grupo, uma jovem que de modo bem articulado, desfiou várias críticas não ao trabalho, mas ao autor que juntamente com Carlos Fuentes, citado no artigo, foram por ela adjetivados de reacionários. Fato que se repetiu com frequência e que nos levou a procurar compreender melhor estas reações, buscando objetivamente justificativas que explicassem o porquê disso, tendo em vista o reconhecimento de Kundera no âmbito da literatura universal.

cultura ganha novos impulsos e dinâmica, influenciando, tanto a produção quanto a recepção dos bens culturais. A reabertura e flexibilização das leis e da censura permitem um movimento literário que de certa forma já estava representado na escrita de Veríssimo em 71 e de Loyola Brandão em 74/76, uma literatura que buscava acessar por outros meios a história até então não só encoberta, mas também cuidadosamente vigiada pelo pelos censores do regime militar. O que é isso companheiro? De Fernando Gabeira, certamente, senão o maior, foi um dos maiores representantes desse período, podendo ser tomado como exemplo de um o texto que marca a entrada da nova etapa política e cultural do Brasil.

Esse livro-testemunho-documento-depoimento-memória (não o chamo romance) representou, nesse exato momento, uma fresta por onde espiar um passado recente, tempo vivido, até então vedado. Rasgada a venda, emoção e surpresa suscitadas por tal passado. Num tempo em que as "gavetas vazias" já liberavam filmes, peças, romances e canções censuradas, seu significado vinha ancorado na revisão da História e num desejo latente de avaliar experiências e discutir a realidade brasileira. (PELLEGRINI, 1987, p. 46)

O que é isso companheiro? faz emergir na literatura aquilo que Antônio Candido já em 1975 prenunciava ao afirmar que

O sucesso que diversos livros de "memórias" têm alcançado seria um sintoma de que o público leitor está procurando contactos com o mundo referente, que a literatura lhe está negando. (CANDIDO apud PELLEGRINI, 1987, p. 167).

Das palavras de Pellegrini e Candido depreende-se que, não eram só os escritores que

queriam recontar a história, visitar as sombras e ouvir os silêncios impostos pelas ações ditatoriais, o público também queria ter contato com essa realidade escamoteada e, por vezes, silenciada. Embora Candido já tivesse manifestado esse sentimento em meados dos anos setenta<sup>4</sup>, foi somente com o período de abertura que tal anseio pode ser contemplado sem subterfúgios. Conforme Pellegrini, o livro de Gabeira talvez tenha sido a fresta por onde outras obras e manifestações culturais puderam se fazer presente no sentido de preencher o vazio deixado pela História recente (1987, p. 167).

Esse revisitar e questionar a História sem se preocupar com entreditos foi, muito rapidamente, saltando das páginas dos livros e dando vazão às letras do rock nacional que embalaram as manifestações e comícios pelas "Diretas já", ao mesmo tempo em que produções culturais censuradas pela ditadura militar eram desengavetadas e chegavam ao público. Nesse contexto de euforia, denúncias e renovação no qual está envolta a nossa cultura é que Milan Kundera mais uma vez<sup>5</sup> desembarca em solo brasileiro.

Em resumo, a publicação de *A insustentável leveza do ser* no Brasil em 1985 coincide com um momento histórico em que, conforme Daniel Aarão Reis, de ponto de vista histórico e político, o Brasil vive a chamada transição democrática que começa com a revogação das leis de exceção, os Atos Institucionais em 1979 e termina com a aprovação de uma nova constituição em 1988 (2014 p. 125). Em 85 o Brasil vive sob a efervescência política marcada ainda pela euforia das "Diretas já" ocorrida entre 83 e 84, movimento que encaminharia o país para o fim de uma era marcada pela ditadura militar, preparando-o para a reconfiguração das instituições democráticas. E da literatura, espera-se uma espécie de alinhamento com o pensamento que embala toda esta efervescência política e cultural da época.

4 O trecho foi retirado de uma entrevista concedida à revista veja de 28/05/1975

5 Os demais livros de Kundera já haviam sido publicados no Brasil pela Nova Fronteira, *Risíveis amores*, por exemplo, teve uma recepção bastante expressiva, entretanto, nenhum deles igual a *A insustentável Leveza do ser*.

## A recepção e seus paradoxos

Em 85 e 86 *A insustentável leveza do ser* figurou nas listas de várias revistas como o livro mais vendido no Brasil<sup>6</sup>. Entretanto, o contexto político, em nada favoreceu a recepção de Kundera. A sua relação com o Regime Socialistas Soviético, bem como as críticas por ele realizadas a esse modelo político que ecoam no primeiro plano de todo o romance, não foram bem recebidas, uma vez que boa parte dos intelectuais compreendiam a organização política do comunismo como alternativa às barbáries cometidas pelas ditaduras militares que em época recente dominaram cenários políticos no contexto latino-americano.

Além de ter sido expulso do Partido Comunista na juventude, Kundera não poupou críticas às ações do comunismo soviético, por entendê-lo como um regime totalitário e ditatorial como qualquer outro que trabalha em torno de uma verdade ordeira e unificadora. O olhar crítico do romancista frente ao regime que se opunha ao capitalismo norte-americano, financiador das muitas ditaduras latino-americanas, que percorre as páginas de *A insustentável leveza do ser*, certamente constituiu-se em parte significativa das dicotomias que permearam a recepção de sua obra entre nós. Não poucas vezes, a insustentável leveza do ser, foi considerado pela crítica brasileira como um romance de tese sobre a História por Kundera experienciada. Ao adjetivar esta, como uma “escrita trivial”, Flávio Kothe dirá que,

A tese implícita do romance é que o sistema comunista aniquila qualquer talento e individualidade, levando o protagonista a compensar isso na busca obsessiva de fêmeas. Essa foi a sua principal linha de leitura. Sua equação era: comunismo = repressão. (KOTHE, 1994, p. 227)

O crítico prossegue suas análises, dessa vez, interpondo-se ao que considera uma injustiça cometida pela tese apresentada no romance, em suas palavras,

Embora tenham ocorrido graves erros e abusos no stalinismo, essa tese não corresponde plenamente ao que aconteceu nos países comunistas, é simplória demais: corresponde ao que a propaganda de direita, durante a Guerra Fria, dizia do sistema comunista. (KOTHE, 1994, p. 227)

Não cabe aqui uma tomada de partido contra ou a favor das causas comunistas, até porque, por mais que estas questões se façam presente no romance, elas ocupam o primeiro plano dele, não são o fio condutor de sua leitura e muito menos constitui a questão central que ali se desdobra, como se depreende dos dois trechos da fala de Kothe.

Ao proceder à análise da ficção romanesca de Kundera sob orientação teórico e metodológica da Epistemologia do Romance, buscamos, desde o início, o conjunto da obra como espaço de interpretação. A leitura da obra em conjunto torna possível o entendimento de que *A insustentável leveza do ser* é apenas a quinta parte de um projeto estético no interior do qual Kundera busca incessantemente, compreender as dificuldades dos sujeitos em lidar com conflitos de qualquer natureza. Para desenvolver uma questão que é da ordem do existencial humano, ele se ampara no gesto estético e filosófico e por meio de seus egos experimentais, dá forma ao conteúdo que perpassa a sua escrita e que em *O Livro do riso e do esquecimento*, seu quarto romance, denominará de idílio.

O idílio é sim o que entendemos como o ponto central da escrita kunderiana, sendo, portanto, por meio desse tema que o autor traz, nas entrelinhas de sua ficção, reflexões que reorientam o entendimento sobre *kitsch*. O *kitsch* re-

<sup>6</sup> Conforme informação contida no site da Revista Super interessante. Consulta realizada em 22/05/20120. <https://super.abril.com.br/cultura/qual-era-o-livro-mais-vendido-no-ano-em-que-voce-nasceu/>

pensado a partir da reinterpretação kunderiana de Broch, faz emergir da ficção desse romancista uma fecunda discussão estética em que o romance moderno, suas origens e contraposições à épica são tratadas de modo sistemático, porém, garantindo a leveza por meio do riso irônico, jocosos e escarecedor resultante das ações de Don Juan.

Para muito além de uma busca simplista de “fêmeas”, o donjuanismo é um dos elementos estéticos responsáveis por abarcar e dar forma à ideia do idílio. Sendo assim, Don Juan funciona como um fio condutor das reflexões kunderianas, perpassando e interligando toda a sua obra ficcional. Por ser um mito que nasce com a modernidade e toda ela atravessa, evidenciando por meio do riso e do erotismo, dois atributos, segundo Otávio Paz (1994) e George Bataille (1988), exclusivamente humanos, com Don Juan, Kundera volta ao conflito humano primário em torno do qual a filosofia e a arte se viram às voltas desde sempre: os desacordos na relação corpo e alma.

Se essa personagem permite ao autor voltar às origens do pensamento e da criação, também se constitui em solo fecundo para refletir acerca dos paradoxos que pavimentaram a modernidade, bem como sobre o que entende como um crepúsculo dela. Entretanto, está claro que a composição e ações donjuanescas nesta obra, experimentadas das mais diversas formas e situações, só poderão ser pensadas com a complexidade que, no texto se apresenta, se houver uma relação com o todo da criação kunderiana, tal como sugere a Epistemologia do Romance, caso contrário, corre-se o risco de o erotismo e a sedução donjuanescos não passarem de uma diversão a mais, tornando-se meramente uma atração sexual para apreender a atenção do leitor. Lido isoladamente do conjunto dos demais textos ficcionais que a complementam, *A insustentável leveza do ser*, tende realmente ao óbvio de uma escrita trivial, ca-

paz de ser resumida por uma equação simples<sup>7</sup>.

Entretanto, não seria justo censurar qualquer leitura que tenha chegado às conclusões como as vistas acima, pois o responsável maior por tal entendimento não é ninguém mais senão o próprio escritor. A mesma lógica interpretativa que busca uma verdade política na obra, foi operada por Luis Aragon no prefácio francês de *Zert* (A brincadeira) primeiro romance de Kundera. Embora, diferentemente de Kothe, Aragon se mostre um entusiasta da obra que apresenta para os franceses, especialmente pelo teor político ideológico que enxerga, sua interpretação também encontra no texto uma verdade facilmente equacionada. Para alguns críticos, o prefácio de Aragon muito contribuiu para a propagação desse tipo de atrelamento das interpretações associadas a um possível engajamento político do autor. Entretanto, para os estudos epistemológicos do romance, a questão está diretamente ligada ao modo de narrar do escritor, algo valioso para Epistemologia do Romance enquanto teoria literária, pois as escolhas de como narrar na prosa de Kundera, fazem que realidade e ficção se confundam a tal ponto que aquilo que é dito em forma de verdade, não seja percebido como o contrário do que realmente intenciona se dizer.

O conceito de jogo apresentado por Gadamer e utilizado por Rosimara Richard (2017, p. 34 a 42)<sup>8</sup> para proceder às análises da obra kunderiana em seu trabalho doutoral, foi de grande importância para fazer emergir a ambivalência paradoxal nascida da ironia corrosiva do autor que brinca e aposta na necessidade dos leitores de buscarem uma verdade, uma resposta externa à narrativa que o romance deve fornecer. Ao pensar sobre o assunto, tal como Richard, François Ricard, um reconhecido crítico da obra de Kundera, nominará esta nuance da escritura kunderiana de “O ponto de vista de Sata”. Procedendo sua crítica pelo viés das inversões praticadas por Kundera, as considerações

7 A tese de Doutorado de Maria Veralice Barroso, A obra romanesca de Milan Kundera: um projeto estético conduzido pela ação de Don Juan, defendida em 2013 sob orientação de Wilton Barroso Filho, traz uma ampla reflexão sobre o ego experimental de Don Juan na ficção de Milan Kundera

8 A tese de doutoramento de Rosimara Richard, As memórias no jogo da criação romanesca de Milan Kundera, foi orientada por Wilton Barroso Filho sob as perspectivas teóricas da Epistemologia do Romance.

de Ricard, ampliam as reflexões em torno da problemática que envolve à recepção da obra kunderiana entre nós ao enxergar o escritor como um “dissidente subversivo politicamente”, em suas palavras;

Frequentemente fez-se de Kundera um escritor político (é do destino comum dos “dissidentes”), seus romances foram lidos como manifestos pró-Dubcek, anti-soviéticos, anti-PCC, quando na verdade trata-se de outra coisa. Pois *é toda a política* (e não apenas os regimes de direita ou de esquerda), é a própria *realidade* política que esta obra recusa. A “subversão política”, aqui é global, ela não se lança apenas a tal ou tal realização mas à própria idéia, ao *ídolo* ...da política. O olhar que Kundera lança sobre a história e a política nada mais é que a demonstração de que, no fundo, ele não trata a história e política com *seriedade* mas, antes, com *recuo*, um recuo que nada tem a ver com a “objetividade” científica ou histórica nem com a análise de um militante de oposição... (RICARD, 1991, p. 380)

A percepção de Ricard se alinha ao entendimento dos estudos desenvolvidos no âmbito da Epistemologia do Romance, segundo os quais a prosa kunderiana padeceria pelas próprias escolhas estéticas. Pautado naquilo que denomina de “riso do demônio”, o autor escarneceu tanto a direita quanto a esquerda que viram a sua obra como um lugar no qual o ponto de vista político e ideológico se dirige contra a esquerda e em favor da direita. Pois se a interpretação pautada na credibilidade entre o interno e o externo às páginas de *A insustentável leveza do ser* pode ter sido a causa do incômodo da crítica brasileira, simpática ao marxismo, certamente ela também serviu como veículo de propagação das ideologias anticomunista assumidas pelos ideais da direita no Brasil. Tal como observa Flávio Kothe.

A difusão da obra de Milan Kundera participou da luta de destruição do comunismo europeu. Pode se dizer que interessava ao

sistema capitalista que uma obra com esse tipo de mensagem se tornasse *best-seller*. O que ele tentou provar, em termos de bloqueio de carreira profissional e busca de alternativas pessoais, poderia ter sido, no entanto, demonstrado, também, por exemplo, em relação à repressão e ao controle profissional contra a esquerda dentro da América Latina nos anos 1970. (KOTHE, 1994, p. 227e 228)

Mas se o romance de Kundera serviu aos projetos de uma direita conservadora no Brasil, tendo a sua circulação alimentada e controlada pela indústria cultural, tal como nos mostra Kothe, o problema não pode ser atribuído à obra em si ou ao conteúdo que ela aparenta carregar, mas sim às interpretações que dela foram feitas. Tanto a direita quanto a esquerda, imersas no contexto presente da década de setenta e oitenta, foram vítimas do escárnio que, tal como explica François Ricard, constitui a prosa kunderiana. Segundo este crítico, a prosa de Kundera funciona por meio de “incertezas, aproximações, disparidade, jogo, paródia, desacordo entre a alma e o corpo, como entre palavras e coisas, o mascarar, o erro” (1991, p. 382). Neste sentido, a escrita desse romancista se realiza como própria imagem de “Satã, a cópia de Deus, mas (como num espelho) uma cópia invertida, degradada, falsa, irônica, absurda, uma cópia que tenta fazer-se passar por seu modelo” (p.382). Para não se deixar apanhar pelo ponto de vista de Satã, ler Kundera, acertadamente dirá Ricard, é adotar também um ponto de vista de Satã

sobre a política e a história, sobre a poesia sobre o amor, e de uma maneira geral, sobre qualquer conhecimento. E é exatamente por aí que essa obra é não apenas pura subversão, mas também pura literatura. Pois ela não oferece nenhum conhecimento, senão o da relatividade, eu diria quase a teatralidade de todo o conhecimento (mesmo poético, mesmo onírico); ela não afirma nada, senão o império eterno e irrisório do acaso e do erro; ela me leva de volta à minha consciência *primeira* (...) isto é, a consciência de que a toda realidade, mistura-se a mesma quantidade de irrealidade, de que

em toda ordem subsiste uma desordem ainda mais profunda” ( RICARD, 1991, p. 383)

Desde que transmutou da poesia para o romance, Milan Kundera estabeleceu para si e sua escrita um universo paralelo e cuidadosamente distanciado de qualquer binarismo. Em *Biographie de l'auvre* (Biografia da obra), contida nas obras completas de Kundera, Ricard, acentua que *A insustentável leveza do ser*, assim como as demais obras de Kundera, se ocupa, acima de tudo, da exploração das categorias existenciais. Para nós estas categorias: peso e leveza, corpo e alma, o eterno retorno e o kitsch decorrem todas elas do idílio. Assim, conclui-se que o problema de Kundera não é para com as posições ideológicas de direita ou de esquerda, do comunismo ou do capitalismo, o problema para ele está na filiação ideológica à verdade propagada por qualquer uma das duas pontas. Sim, porque ao propagar sua verdade tanto uma quanto a outra necessitam de vozes, ações e pensamentos unificadores e consensuais que se fortalecem na ausência do conflito. E a ausência de conflitos, do dissonante, representada na ficção kunderiana pela ideia do idílio, sempre foi e sempre será uma necessidade humana, que acaba se estendendo a todas as instâncias da vida; a política, arte e a filosofia são bons exemplos disso. Em suas palavras,

O mundo baseado numa só verdade e o mundo ambíguo e relativo do romance são moldados, cada um, de uma matéria totalmente diversa. A verdade totalitária exclui a relatividade, a dúvida, a interrogação e ela jamais podem portanto se conciliar com o que eu chamaria de *o espírito do romance*. ( KUNDERA, 1988. p. 18)

Ao negar filiação à correntes ideológicas de quaisquer natureza, Kundera adota uma espécie de pátria onde reinam os valores do

mundo romanesco, o quais conforme sua visão, não permitem à estética do romance moderno se submeter a qualquer tipo de voz que se queira configurar em uma verdade totalizante. Mas as dificuldades em torno desse entendimento, no Brasil, geraram diversas incompreensões em torno do autor e de sua obra, excluindo-o quase que totalmente das discussões acadêmicas. Além da Insustentável leveza do ser, pouco se conhece sobre a obra de Kundera aqui, tendo em vista que os julgamentos externos à obra, fizeram com que muitos leitores parassem por aí, ficassem no que a Epistemologia do Romance denomina de efeito estético<sup>9</sup>.

Tomando as palavras de Kothe, do próprio Kundera e de Ricard sobre o assunto, creio não estar cometendo nenhuma injustiça ao afirmar que, não fossem os estudos teóricos do pesquisador Wilton Barroso Filho tê-lo trazido para o centro de suas reflexões a partir do início dos anos de dois mil, provavelmente Kundera ainda estivesse relegado ao ostracismo acadêmico que aqui lhe fora destinado.

Além da justificativa estratégica e objetiva já mencionada sobre a opção de Barroso Filho por Kundera, certamente a escolha também passa por suas reflexões acerca do que considera um problema para análise crítica de uma obra literária: os julgamentos éticos ou morais externos a ela. Para o pesquisador, se o romance traz alguma moral, essa moral se encerra no interior da própria narrativa, ela apenas participa da e complementa a história narrada, não cabe à literatura posicionar-se frente a questões externas de modo a encerrar-se na defesa de uma verdade, muito menos cabe ao leitor crítico ou não da obra, forçar ou querer que esta ou aquela verdade seja dita. O posicionamento de Barroso em relação entre o que a obra pode nos fazer pensar e o que ela está predestinada a nos dizer, juntamente com Kundera, ganharam o reforço de autores como Hermann Broch, especialmente quando reflete acerca do ético e do estético sob um ponto de vista literário e filosófico. Atuando sistematicamente na ampliação e

9 Conceito desdobrado nos círculos teoria da Epistemologia do Romance e apresentado no V.I do livro *Verbetes da Epistemologia do Romance*.

problematização do que fora apresentado por Broch, as reflexões de Kundera sobre o assunto ajudaram a desdobrar o entendimento de Barroso Filho acerca da narrativa romanesca enquanto solo para se pensar a condição humana e foi a partir de diálogos dessa natureza que, no interior das pesquisas da Epistemologia do Romance, conceitos tais como efeito estético, leitor-pesquisador, romance que pensa, *serio lude-re* e *kitsch/antikitsch* puderam ser pensados<sup>10</sup>.

Além das estratégias e das convergências de opinião sobre a relação entre o leitor e objeto artístico no processo interpretativo, a opção de Barroso Filho também passou por sua formação francesa, não fossem o tempo prolongado de residência e de estudos na França, dadas as condições de recepção de Kundera aqui no Brasil, dificilmente o pesquisador teria tamanha convicção quanto à sua escolha e nem teria, o que para muitos pode soar como uma “audácia”, aproximar Kundera a Machado. E provavelmente os desdobramentos teóricos da Epistemologia do Romance teriam ganhado outros rumos.

## Conclusão

O presente artigo procurou trazer luz um olhar sobre a recepção kunderiana no Brasil a partir do lugar pelo escritor ocupado no campo teórico da Epistemologia do Romance. A partir de um gesto epistemológico e hermenêutico compreende-se que, tanto o prestígio, quanto os paradoxos que permeiam a recepção da obra de Kundera, têm muito a ver sobretudo, com o contexto político no qual *A insustentável leveza do ser* aqui chegou, bem como com a força e a perspicácia do jogo narrativo que, desde o início Kundera conseguiu imprimir na construção da narrativa. Sem dúvida alguma a ironia sutil, mas corrosiva, aliada aos componentes estéticos, muito contribuíram para isso. Está claro que as sutilezas e destreza demonstradas tanto

na escrita quanto na escolha dos elementos estéticos que complementam *A insustentável leveza do ser* têm relações próximas com as experiências vividas pelo escritor, mas não se resumem àquelas que comumente lhe atribuem: os conflitos do indivíduo que viveu em um contexto do regime comunista soviético e que supostamente faria dele um dissidente das causas coletivas.

De modo algum as possibilidades interpretativas que perpassam a obra kunderiana se esgotam nas questões históricas. As experiências mais significativas para a construção do Kundera romancista, ainda que totalmente associadas ao contexto vivido e experimentado, são decorrentes especialmente de uma trajetória que passa pelo poeta, pelo crítico, pelo editor, pelo professor e pelo pensador da literatura. Milan Kundera é um escritor que, enquanto romancista, já nasce maduro e essa maturidade é resultante de uma erudição construída na própria trajetória do autor e cuja latência deve ser considerada como primordial não só quanto ao processo de reconhecimento e perenidade da obra, mas também no que se refere às dicotomias que constituem sua relação com o público em geral e com a crítica.

## Referências

BARROSO FILHO, Wilton. *Elementos para uma Epistemologia do Romance*. In Estudos epistemológicos do Romance. Orgs – Maria Veralice Barroso e Wilton Barroso Filho. Brasília: Verbena Editora, 2018.

BARROSO, Maria Veralice. *A obra Romanesca de Milan Kundera: um projeto estético conduzido pela ação de Don Juan*. Tese de doutorado defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília – PósLit/Unb.

10 Todas estas concepções teóricas compõem o V.I do livro *Verbetes da Epistemologia do Romance*.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. João Bérnard da Costa. Portugal, Lisboa: edições Antígona, 1988.

CAIXETA, Ana Paula A., BARROSO, Maria Veralice, BARROSO FILHO, Wilton, (Orgs). *Verbetes da Epistemologia do Romance V. I*. Brasília: Verbena Editora, 2019.

JOBIM, José Luís. *A crítica literária e os críticos criadores no Brasil*. RJ: Caetés: EDUERJ, 2012.

KOTHE, Flávio. *A narrativa trivial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994 (reimpressão, 2017).

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988.

PAZ, Octavio. *A dupla chama, o amor e o erotismo*. Trad. Wladir Dupont – São Paulo: Sciliano, 1994.

PELLEGRINI, Tânia. *Gavetas Vazias? (uma abordagem da narrativa brasileira dos anos 70)*. Dissertação de mestrado, defendida no Departamento de Teoria literária da Universidade de Campinas em 1987.

\_\_\_\_\_. *Ficção brasileira contemporânea: ainda a censura?* Maringá,

2001. ISSN-1415-6814. Disponível em

[https://www.academia.edu/1303729/Fic%C3%A7%C3%A3o\\_brasileira\\_contempor%C3%A2nea\\_ainda\\_a\\_censura](https://www.academia.edu/1303729/Fic%C3%A7%C3%A3o_brasileira_contempor%C3%A2nea_ainda_a_censura)

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RICARD, François. O ponto de vista de Satã. In. *A vida está em outro lugar/ Milan Kundera*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

\_\_\_\_\_. *Biographie de l'auvre-L'Insoutenable Légèreté de L'être*. In *Oeuvre V. I / Milan Kundera*. Paris: Éditions Gallimard, 2011.

RICHARD, Rosimara. *As memórias no jogo da criação romanesca de Milan Kundera*. Tese de doutorado defendida em 2017 no Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília. PósLit/UnB.

## COMO CITAR

BARROSO, M. V. A recepção paradoxal de Milan Kundera no Brasil sob a ótica da Epistemologia do Romance. *Revista Cerrados*, 32(63), pp. 16-26. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i63.51293>